



Quanto tempo dura uma enchente?

**Reflexões acerca das
inundações no RS**

Comitê TAIPA de Ecopedagogia

2024

Organização

Daniele Noal-Gai e Júlia Dal Castel Piva (FACED/UFRGS)

Redação e revisão

Júlia Dal Castel Piva

Ilustração e diagramação

Thiago Machado (IA/UFRGS)

Equipe executora

Barbara Elisabeth Neubarth (AMeHSP)

Daniela Alves da Silva (PPgEci/UFRGS)

Fernando Campiol Placedino (Instituto Cultural Rasteira na Fome e Grupo Muzenza de Capoeira)

Pamalomid Zwetsch (EMEF Nestor Elizeu Crochemore)

Distribuição gratuita

Porto Alegre, outubro de 2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Q1

Quanto tempo dura uma enchente? : Reflexões acerca das inundações no RS / Daniele Noal-Gai, Júlia Dal Castel Piva (Orgs.) ; Thiago Machado (Il.) - Porto Alegre: Comitê TAIPA de Ecopedagogia, 2024.
24 p. ; il. ; digital

ISBN: 9786559733972

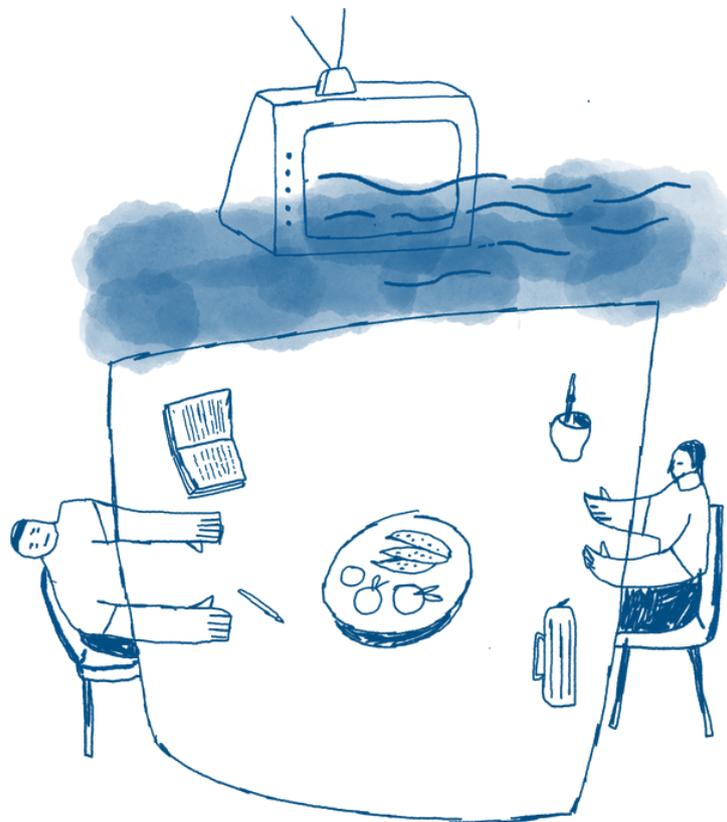
1. Enchente. 2. Clima. 3. Rio Grande do Sul.
I. Noal-Gai, Daniele. II. Piva, Júlia Dal Castel. III. Machado, Thiago.

CDU: 551.583

Bibliotecária: Evelin Stahlhoefer Cotta CRB-10/1563

Este material foi idealizado durante as enchentes do Rio Grande do Sul, em 2024, com o intuito de fazer refletir sobre cenas que chocaram o Brasil, além de registrar acontecimentos que não tiveram a devida visibilidade. Para que não nos esqueçamos das implacáveis consequências das mudanças climáticas e, sobretudo, para que possamos pensar novas formas de estar no mundo.

Comitê Taipa de Ecopedagogia



Dia e noite, fomos expostos a imagens cada vez mais chocantes, até que se tornou comum ver cidades inteiras devastadas pela água. As notícias contínuas sobre crises de longo prazo podem fazer uma situação ruim parecer normal. Esse fenômeno é conhecido como 'dessensibilização' ou 'habituação'.

Um estudo de 2018 publicado pela Elsevier demonstrou que pessoas em países mais afetados pelas mudanças climáticas tendem a subestimar os riscos que elas representam.

Como evitar que isso aconteça?

O primeiro passo é reconhecer as coisas com as quais nos acostumamos e que não gostaríamos de naturalizar. Por isso, as próximas páginas são um convite à reflexão e ao debate.



Os jacarés são animais que vivem às margens do rio. Com o avanço do Guaíba, répteis foram encontrados em bairros inundados. Garças também transitaram em uma das principais avenidas da capital. Estariam eles retornando ao lugar que um dia já ocuparam?



**Para onde
vão**

**os
refugiados
climáticos?**

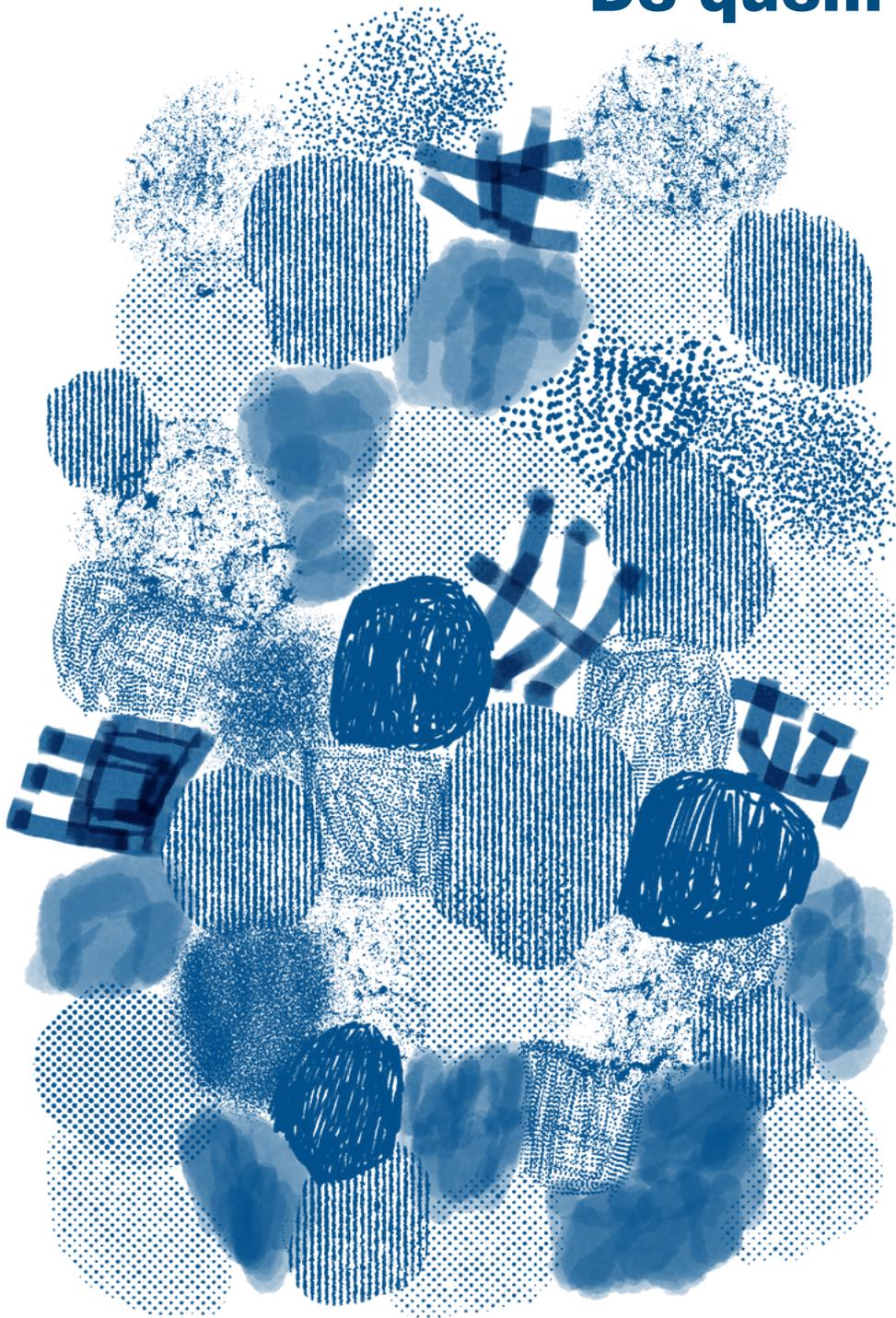
Mais de meio milhão de pessoas foram forçadas a deixar suas casas por conta da enchente. Dessas, 80 mil ficaram em abrigos temporários. Mas, quando as águas recuam, é possível retornar ao mesmo lugar?

Que direitos os animais têm?

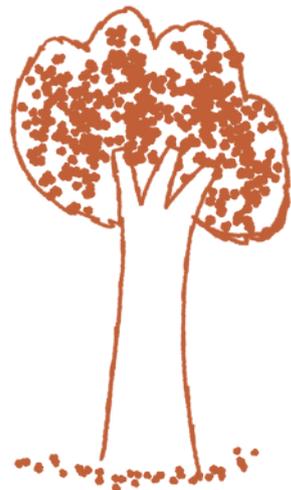
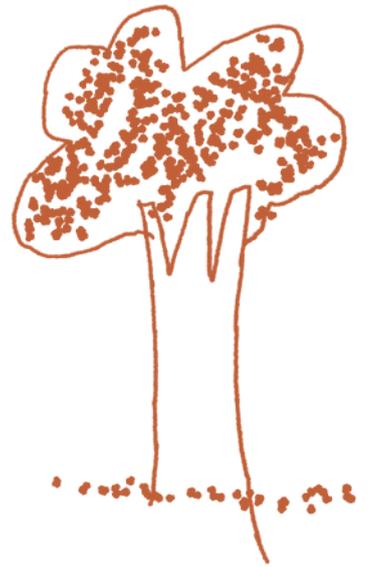
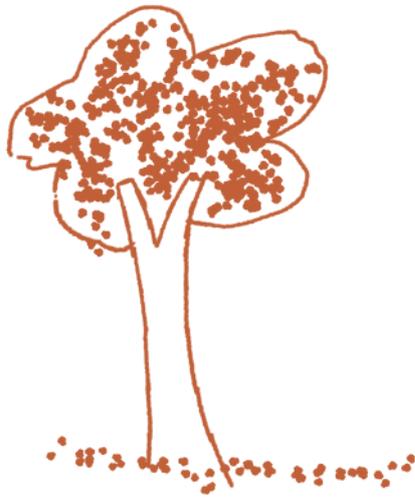
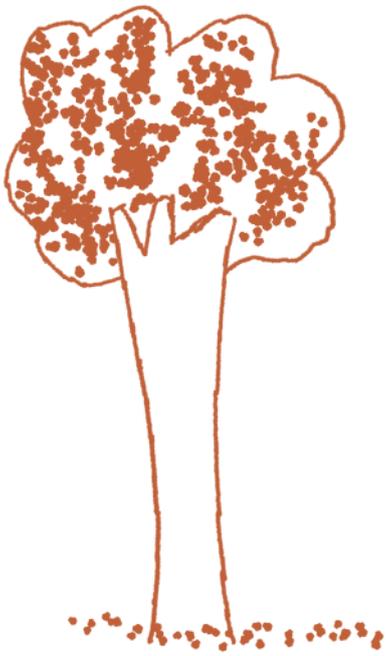


Cães, gatos, búfalos, cavalos. Animais domésticos e silvestres lutaram para sobreviver à enchente. Mais de 12 mil foram resgatados e levados para abrigos ou lares temporários.

De quem é todo esse lixo?



Móveis, roupas, brinquedos, livros. A enchente deixou para trás 47 milhões de toneladas de resíduos. Em meio a montanhas de lixo, estão conquistas de uma vida inteira. Objetos que contam histórias, agora cobertos de lama e transformados em escombros.



HISTÓRIAS À MARGEM



Para além dos fatos hipernoticiados, há acontecimentos de grande impacto socioambiental que não receberam a devida repercussão. A seguir, traremos histórias que ficaram à margem da atenção pública e que revelam outras dimensões dessa devastação.

HISTÓRIAS À MARGEM

Enchente arrasa lavouras de arroz orgânico do MST



Foto: Igor Sperotto/Brasil de Fato

por **Gorete Meneses, liderança do
Movimento dos Trabalhadores Rurais
Sem Terra (MST)**

O alimento sem veneno traz saúde e vida para as pessoas. Há 30 anos, nós, do MST, cuidamos do nosso solo, plantando com carinho e amor pelo planeta. Sem desmatar e sem usar veneno na agricultura.



Quando há uma inundação, os venenos que estão em outros solos se espalham por terras próximas. E a recuperação dessas terras leva tempo.

Nas áreas atingidas, o MST perdeu todas suas sementes crioulas e toda sua safra. Éramos, aqui na região de Eldorado do Sul e Nova Santa Rita, o maior produtor de arroz orgânico da América Latina e perdemos tudo na enchente. Inclusive o que já havia sido colhido, porque foi inundado.

HISTÓRIAS À MARGEM

Comunidade indígena devastada por intervenção do DNIT



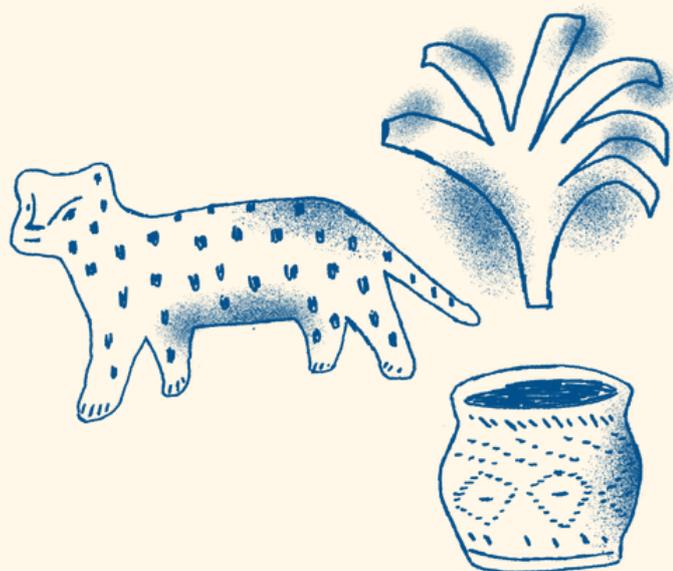
Foto: Igor Sperotto/Extra Classe

**por Artemio Marques, educador na escola
indígena da Tekoa Pekuruty**

Há mais de 15 anos, os Mbya Guarani vivem na Tekoa Pekuruty, aldeia localizada em Eldorado do Sul. As famílias reivindicam a demarcação do território há décadas, mas o local é visado para a duplicação da BR 290.

Devido à enchente, a comunidade se viu obrigada a sair do local, deixando ali seu modo de vida e seus pertences.

Sem dialogar com as lideranças indígenas, o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura e Transporte) aproveitou-se da situação e destruiu a aldeia. Isso inclui a escola indígena, as criações, os instrumentos de trabalho e os animais.



Velhos tempos

**por Lori Altmann, antropóloga e
professora da UFPEL**

No final da década de 1950, no pedacinho de terra onde minha família vivia, três famílias trabalhavam em harmonia, com meu pai fornecendo terra e sementes. Era um tempo de agricultura familiar, onde arados e enxadas eram as ferramentas do dia a dia.

Plantávamos de tudo um pouco: milho, feijão, batata, aipim, arroz e trigo. A família inteira ia para a roça; nós, as filhas, íamos juntas e ficávamos brincando, enquanto mãe e pai se dedicavam ao plantio, à capina e à colheita. As irmãs mais velhas cuidavam das mais novas. Fazíamos bonecas e casinhas com espigas e pés de milho.

Tínhamos galinhas, porcos e algumas cabeças de gado que nos davam leite, nata, manteiga e queijo. Uma vez ou outra se matava uma cabeça de gado ou de porco para termos carne. Como não havia energia elétrica, a carne era dividida com vizinhos ou conservada de outras formas, na banha ou fazendo salame.

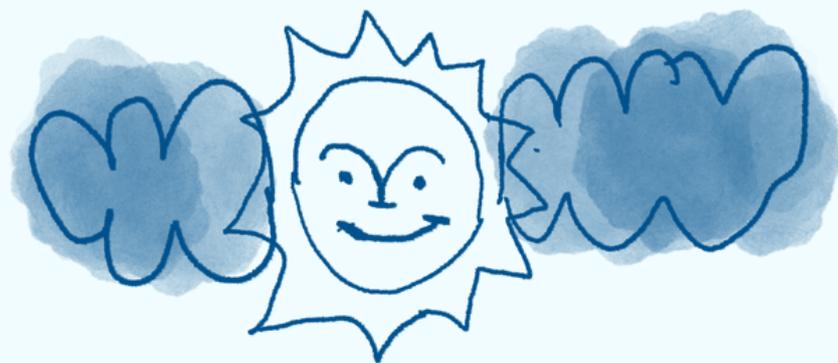


Tínhamos árvores frutíferas e verduras na horta. O banho e a lavagem das roupas eram feitos em um riozinho próximo. Do outro lado, a mata nativa oferecia frutas silvestres como pitanga, uvaia e cereja. Um mutum aparecia para comer os restos que caíam da bancada da janela da cozinha, onde minha mãe lavava panelas e louças. Diziam até que jaguatiricas habitavam a região.

No entanto, ao final da década de 1960, meu pai se rendeu à monocultura da soja. As matas nativas foram derrubadas, até mesmo as araucárias, levadas para a serraria e transformadas em tábuas. As roças de diversos cultivares foram substituídas por campos de soja e trigo.

As árvores frutíferas e a horta desapareceram; galinheiros, chiqueiros, galpão e potreiro foram demolidos. O banhado foi aterrado, e o pequeno riacho, assoreado. As árvores à sua margem, arrancadas. Tudo se converteu na monocultura da soja, acompanhada pelo uso de agrotóxicos, adubos químicos e plásticos descartáveis.

O lugar que foi nosso lar já não podia mais ser vivido da mesma maneira. Meu pai faleceu de câncer na década de 1990, levando consigo as memórias de um tempo em que a vida pulsava em harmonia com a natureza.



NOVAS FORMAS DE ESTAR NO MUNDO

Como recomeçar sabendo que a exploração do meio ambiente nos trouxe tantas perdas? É urgente imaginarmos um novo jeito de estar no mundo.

O que queremos para nossas cidades e florestas? Para nossos rios e lagos? Para nossa gente?

A seguir, conheça algumas iniciativas que respeitam a natureza e valorizam a coletividade.

**NOVAS FORMAS DE
ESTAR NO MUNDO COM**

Economia Solidária



Foto: Fundação Banco do Brasil

**por Nelsa Nespolo, presidente das
Cooperativas Univens e Justa Trama**

A economia solidária oferece propostas profundas para uma sociedade diferente, onde o lucro não enriquece apenas um empresário, mas todas as pessoas envolvidas. Isso é distribuição justa de renda.

Acreditamos que o desenvolvimento só é possível com a verdadeira preservação do meio ambiente. Não queremos uma economia sustentável de fachada, mas uma que realmente cuide da natureza. Uma economia que não gere resíduos mas, pelo contrário, transforme resíduos em renda.

Que possamos produzir roupas orgânicas sem usar agrotóxicos. Cultivar alimentos de forma agroecológica, em consórcio com outros plantios. Que não só eliminemos o uso de venenos, mas também preservemos a terra por meio da diversidade do plantio. Que respeitemos os métodos de cultivo para evitar deslizamentos de morros. Que evitemos o desmatamento para preservar os mananciais à beira dos rios.



**NOVAS FORMAS
DE ESTAR NO
MUNDO COM**

Políticas de Habitação Social



A política habitacional do Rio Grande do Sul não oferece soluções eficazes para moradias populares. Em meio à crise habitacional, a ocupação de prédios abandonados tornou-se uma alternativa para as milhares de pessoas desabrigadas pela enchente. As famílias não concordaram em ser transferidas para cidades temporárias ou abrigos devido às condições precárias.

André Augustin, pesquisador do Observatório Metr pole, aponta que a utiliza o de imóveis públicos abandonados   uma soluço de curto prazo. A longo prazo,   necessário repensar toda a política habitacional, focando mais na habita o social.

**Em que outras ideias podemos pensar?
Fique à vontade para escrever ou
desenhar abaixo:**

Referências

ALDEIA guarani é destruída por ação do DNIT em meio ao desastre no Rio Grande do Sul. **Comissão Guarani Yvyrupa**, 8 mai . 2024. Disponível em: <https://www.yvyrupa.org.br/2024/05/08/aldeia-guarani-e-destruida-por-acao-do-dnit-em-meio-ao-desastre-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

APÓS enchente, ocupações de prédios abandonados ganham força em Porto Alegre. **Sul21**, 19 jun. 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2024/06/apos-enchente-ocupacoes-de-predios-abandonados-ganham-forca-em-porto-alegre/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DEFESA Civil atualiza balanço das enchentes no RS - 13/5, 9h. **Defesa Civil RS**, 13 mai. 2024. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-13-5-9h>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DEFESA Civil atualiza balanço das enchentes no RS – 4/6, 9h. **Defesa Civil RS**, 4 jun. 2024. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-13-5-9h>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LUÍS, Sílvia; VAUCLAIR, Christin-Melanie; LIMA, Maria Luísa. Raising awareness of climate change causes? Cross-national evidence for the normalization of societal risk perception of climate change. **Environmental Science & Policy**, v. 80, p. 74-81, 2018. ISSN 1462-9011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2017.11.015>. Acesso em: 25 jun. 2024.

POSSANTTI, Iporã; MÜLLER, José; RUHOFF, Anderson. (Editores). **Cheias no Rio Grande do Sul** - Base de dados e informações geográficas na Região Hidrográfica do Lago Guaíba e na Lagoa dos Patos em 2024. UFRGS, 2024. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/a81d69f4bccf42989609e3fe64d8ef48>. Acesso em: 10 jul. 2024.

